



**O que há para ver? Agenciamentos de imagens nos conflitos
midiatizados entre Ucrânia-Rússia e Israel-Palestina ¹**

**What is there to see? Image agencies in mediatized conflicts
between Ukraine-Russia and Israel-Palestine**

Ana Paula da Rosa
Isadora Rangel Fermino

Palavras-chave: Mídia; Imagens; Circulação; Conflitos.

Partimos neste texto da percepção de que a circulação se configura, cada dia mais, como locus da produção de sentidos (AUTOR, 2020) o que faz emergir relações e atravessamentos entre gramáticas de produção e de reconhecimento (VERÓN, 2013). Tais atravessamentos ficam evidentes nas narrativas midiáticas da Guerra da Ucrânia e dos conflitos entre Israel e Palestina.

De um lado, temos uma narrativa emocional, chamada de storytelling nas recentes pesquisas europeias (HORBYK; ORLOVA, 2023), com ênfase em um fazer sentir discursivo-midiático que constrói outras e múltiplas guerras, inclusive com tom propagandístico. De outro, o jornalismo tentando elaborar narrativas sobre o conflito midiático (HJAVARD, MORTESEN, 2015; COTTLE, 2006) não somente na apresentação dos efeitos de uma guerra vista à distância, mas trazendo angulações que

¹ Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS.



visam uma tentativa de aprofundamento reflexivo, de uma leitura pela *expertise* midiática de conflitos, mas que se enfrenta com a especificidade destes acontecimentos em curso, cujas chaves de leitura precisam ser elaboradas.

A questão, em nossa ótica, está nas lógicas de mediação em acionamento. Já não se trata mais do jornalismo tentando fechar o sentido a partir da mobilização de enquadramentos. Ainda que isso ocorra, há tanto na Guerra da Ucrânia quanto no conflito Israel-Palestina um outro movimento que engloba as dinâmicas de mediação. Trata-se de uma intensa produção discursiva de diferentes atores mediados, vinculados aos diferentes governos e instituições políticas, mas também atores sociais dispersos que ascendem à esfera discursiva em função da revolução do acesso (VERON, 2013) produzindo sentidos, imagens, textos divergentes e inquietantes. Trata-se em alguma medida daquilo que José Luiz Braga (2020) ao se referir à polarização como uma estrutura da intolerância considerou como uma questão comunicacional. Isto é, os conflitos mediados envolvem muito mais do que polaridades, disputas no território físico, no *front* da guerra, mas tensões que se dão na esfera do discurso e, especialmente das interações humanas.

Considerando que na ótica de Braga, a comunicação “é parte constituinte das ocorrências políticas, sociais, culturais” nos parece cada vez mais urgente que a comunicação assuma seu lugar como uma forma de inteligibilidade dos processos sociais nos quais estamos imersos.

Para Braga

O trabalho da comunicação humana não é o de apagar as diferenças, o que seria constitutivamente impossível, e sim o de viabilizar articulações entre estas, buscar que os tensionamentos resultantes da diversidade sejam produtivos ou superáveis, evitando a geração de rupturas e reduzindo a probabilidade de violência e opressão. É a comunicação que reduz o relativismo das coisas, produzindo sentidos sociais comuns (Braga, 2020, p. 22)



Porém, se a comunicação reduz o relativismo, possibilitando sentidos sociais comuns, ela também tem sido transformada historicamente em elemento central das guerras. Isso significa que o trabalho da comunicação de potencializar a alteridade, o reconhecimento do outro, passa a ser resumida, muitas vezes, como sinônimo de ferramenta e, neste caso, de mera tática. Ou seja, a comunicação se soma como arma em tais conflitos, em especial porque suas bases são apropriadas. Já dizia McLuhan que as guerras “frias”, centradas na tecnologia da informação, seriam muito diferentes das guerras “quentes”, cujo foco estava no armamento da indústria pesada. Para o autor, as guerras teriam cada vez mais corpo pela fotografia, cinema e televisão. Em tom profético, McLuhan (2006, p. 381) chegou a sugerir que terceira guerra mundial seria da informação sem a divisão clara entre os militares e os civis.

Neste sentido, vemos a Guerra da Ucrânia e as ações em Gaza como parte de um processo crescente de mediação, visto que transformação das lógicas de mídia em lógicas de mediação não apenas alterou o modo como nos relacionamos com a tecnologia e o espaço midiático, mas como existimos, vivemos e sentimos. A experiência dos conflitos que se descortinam diante de nossos olhos desde 2022, certamente, são muito peculiares. De um lado porque carregam todo o aprendizado sócio- midiático dos conflitos anteriores, segundo porque ocorrem quando a infraestrutura comunicacional (HEPP et al, 2023) está em amplo desenvolvimento, chegando até mesmo no *front* de batalha. Não se trata mais de uma guerra que ocorre nos campos de concentração, mas de uma guerra que se delinea no território midiático entre aquilo que é dito, suas repercussões, apropriações e sentidos, e especialmente naquilo que é mostrado.

Hoskins e O'Loughlin (2015) desenvolveram um modelo teórico para problematizar o que chamam de “a mediação da guerra”. Eles definem a mediação como “o processo pelo qual a guerra é cada vez mais incorporada e penetrada pelos meios de comunicação social”. Embora não seja possível discordar



desta incorporação, em nossa ótica não se trata de uma guerra que ascende ao espaço midiático, mas de sua organização em torno das lógicas da mediação. Isso implica dizer que antes mesmo dos conflitos ocorrerem, eles já haviam sido tecidos midiática e discursivamente, sendo continuamente reelaborados por múltiplos atores. Neste ponto, interessa pensar a guerra mediada, isto é uma especificidade desta guerra, fruto de um aprendizado de longo tempo, assim como a própria abordagem da mediação feita por Veron, Bolin e Krotz.

A especificidade da guerra mediada: angulações de visibilidade

A guerra mediada, como já dito anteriormente, não se refere a um conflito que vai para a mídia, toma os meios de comunicação como palco para visibilidade e repercussão. Em nossa visão, trata-se de um acontecimento tecido e organizado em torno das lógicas de mediação e isso envolve tanto as macroestratégias de ação como as táticas de confronto e combate. Significa pensar que não se trata de pôr na mídia ou de entender a guerra como um produto midiático para o espetáculo, para as telas, embora esses sejam elementos que fazem parte dos conflitos mediados que investigamos. A guerra mediada é elaborada e tecida a partir de um conjunto de experimentações sociais, com objetivos específicos, distintos, e que transformam, por meio de apropriações e co-produções, inclusive as lógicas de mídias mais estabelecidas.

Desta forma, ao longo do tempo, os modos de conceber, executar e lidar com conflitos, foram se transformando em função da complexidade da própria sociedade em mediação. Em 2022 com a deflagração da Guerra na Ucrânia, muitos vídeos inspirados na linguagem da internet, do Tik Tok e dos influenciadores passaram a ser postos em circulação inclusive mobilizando imagens de arquivo, cuja referência sequer é a região do conflito. Operações de imagens foram sendo desenvolvidas, taticamente, e por diferentes sujeitos, permitindo que um imaginário midiático da guerra pudesse ser



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

erguido. No início dos confrontos, os corpos, os pedidos de exílio, as migrações sem fim e as famílias despedaçadas cujos rostos estamparam capas de jornais. Depois o front, os soldados feridos, os vídeos emocionais com discursos de ambos os lados. Por fim, as imagens de drones. No conflito na Faixa de Gaza, em 2023, as elaborações também são amplas. De um lado os próprios grupos como o Hamas criam formas de agenciar a circulação ao elaborar vídeos de seus feitos, desde a captura e perseguição até as execuções. De outro, os governos e as agências de notícia tentando mostrar os diversos ângulos, ainda que a partir de imagens genéricas (cidades prédios e chamas, pilhas de destroços) que tentam evidenciar os discursos de horror de ambos os lados, num jogo de empurra-empurra onde a vida vale muito pouco.

Entre os dois conflitos uma diferença temporal muito curta, mas se evidenciam nuances muito significativas do ponto de vista das lógicas de midiatização empregadas para visibilizar tais acontecimentos. Na Guerra da Ucrânia fotógrafos locais tentaram imprimir um outro modo de olhar que não aquele centrado nas disputas de poder entre Putin e Zelensky. Emergiram imagens artísticas, poéticas, de paisagens, revelando outros sentidos que muitas vezes não transitam na mídia hegemônica ocidental. Tais fotografias, vídeos e ilustrações estão inscritas em contas de Instagram e de Telegram. Do mesmo modo, uma proliferação de imagens sobre os confrontos em Israel tem surgido em mídias sociais, em sua grande maioria centrada na dor, ora como grito de apelo, ora como constatação. Nota-se que tais imagens são produzidas para a circulação, mas há uma questão de fundo que adquire espaço em nossa análise: a diferença de tratamento quanto aos corpos e às vidas em jogo. Isto é, embora sejam conflitos de natureza midiatizada, os modos como são inscritos na circulação, principalmente para o amplo acesso no Brasil, revelam os silenciamentos raciais, xenofóbicos e a dimensão da cegueira provocada pelo, aparente, excesso da visão. Se pensarmos somente no recorte dos corpos visibilizados nestes conflitos tão diferentes e tão próximos, quais nos afetam mais a uma postura de ação? Quais nos chocam mais?



Neste sentido, o que estamos argumentando é que na perspectiva de longo prazo da mediação, o desenvolvimento tecnológico e comunicacional, consequentemente, os afetações não são apenas da ordem de meios, mas especialmente das operações de sentido. Este é o ponto central que nos interessa para observar as imagens em circulação.

Referências

BOLIN, Goran. **Media generations: experience, identity and mediated social change**. Nova York: Routledge, 2017.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. IN: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder.; JACKS, Nilda Aparecida. **Mediação e Mídia**: Livro Compós 2012. Salvador/Brasília. UFBA/COMPÓS, 2012. p.31-52.

BRAGA, José Luiz. Lógicas Da mídia, lógicas da mediação. In: FAUSTO NETO, Antonio; ANSELMINO, Natalia Raimondo; GINDIN, Irene Lis (Org.). **CIM – Relatos de Investigaciones sobre mediaciones**. Rosário: UNR Editora, 2015.

COTTLE, Simon. **Mediatized conflicts**. Berkshire, England: McGraw-Hill Education, 2006.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. In: fausto neto, Antonio; Valdetaro, Sandra (Org.) **Mediatización, Sociedad y Sentido: diálogos entre Brasil y Argentina**. Rosario, Argentina: Departamento de Ciencias de la Comunicación, Universidad Nacional de Rosario, 2010. p. 2-15.

FAUSTO NETO, Antonio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013. p. 43-64.

GOMES, Pedro. **Desandar o andado: os subterrâneos dos processos midiáticos**. São Paulo: Edições Loyola, 2022.

HEPP, Andreas et al. From human-machine interaction to communicative AI: The



Anais de Resumos Expandidos
VI Seminário Internacional de Pesquisas
em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

automation of communication as an object of media and communication research. Paper presented at **73rd Annual ICA Conference**. Toronto, maio 2023.

HJARVARD, Stig; MORTENSEN, Mette. **The Dynamics of Mediatized Conflicts**. New York: Peter Lang, 2015.

HORBYK, Roman; ORLOVA, Dariya. **Transmedia storytelling and memetic warfare**: Ukraine's wartime public diplomacy. *Place Brand Public Dipl* 19, 228–231 (2023). <https://doi.org/10.1057/s41254-022-00283-1>

HOSKINS, Andrew; O'LOUGHLIN, Ben. **Arrested war**: the third phase of mediatization, *Information, Communication & Society*, 2015.

McLuhan, Marshall. **Os meios como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 2006.

AUTOR, 2020.

VERÓN, Eliseo. **Teoria da midiatização**: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *Matrizes*, v 8 - Nº 1 jan./jun. 2014. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p13-19>

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social 2**: ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013.